

Vissungos e compositores mineiros

Andrea Adour
Stéphanie Paes

Em nosso *corpus*, tentamos abarcar compositores¹ de três períodos, cruzando todo o século XX e chegando aos nossos dias, levando em consideração a existência, a partir de meados do século XX, de registros em áudio e do potencial de difusão das músicas para o Brasil, popularizando-as. Construímos, ainda, um recorte que abarca apenas os compositores e letristas que nasceram ou viveram em Minas Gerais e que, portanto, são considerados mineiros “de nascença”, ou “de coração”. Todos os compositores mineiros do *corpus* passaram a infância em Minas Gerais, onde tiveram a oportunidade de viver a cultura e as tradições mineiras.

No primeiro período estão Ary Barroso (1903-1964) e Geraldo Pereira (1918-1955); no segundo, Milton Nascimento (1942), Fernando Brant (1946) e João Bosco (1946); no terceiro, Sérgio Santos (1956) e Vander Lee (1966). Naturalmente, sabemos que mais compositores

¹ Entendemos aqui o sentido de *compositor* tanto como ‘aquele que compõe música’ quanto como ‘aquele que compõe texto’.

poderiam ter sido contemplados; entretanto, mantivemos a opção de nos limitar ao *corpus* construído, em disciplina do curso de Graduação em Letras da UFMG,² pelo monitor José Marques.

Apresentamos a seguir algumas informações pontuais e pertinentes sobre cada um desses compositores, seguidas de suas obras aqui elencadas, acompanhadas de contextualização.³

Ary Barroso

Ary de Resende Barroso nasceu em 7 de novembro de 1903 em Ubá, MG, onde passou a infância, e faleceu em 9 de fevereiro de 1964 no Rio de Janeiro, RJ. Por volta dos oito anos de idade perdeu seus pais e passou a ser criado pela avó Gabriela e pela tia Ritinha, que o ensinou a tocar piano. Aos doze anos, passou a ajudar nas despesas da casa tocando piano como fundo musical das exibições do cinema local. Em 1921, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar Direito. Na capital federal retomou sua carreira artística, tocando em diversas orquestras e, em 1925, já era considerado o terceiro melhor pianista do Rio de Janeiro. Em 1928 teve seus primeiros sambas gravados e, daí em diante, não parou mais de compor, sobretudo para revistas. Ary Barroso faleceu devido a uma

² Voz Africana nas Américas, ministrada em 2006 pelos professores Cristiano Barros e Sônia Queiroz.

³ As informações biográficas foram extraídas do *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*.

cirrose hepática da qual já sofria há algum tempo. De sua vasta obra, ajudam a compor este livro as canções “No tabuleiro da baiana”, encomendada em 1936 por Jardel Jércolis, para a sua revista *Maravilhosa*, e posteriormente gravada por Carmem Miranda, Luís Barbosa e o Conjunto Reginal de Luperce Miranda, além de “Boneca de Piche”, gravada por Carmem Miranda, Almirante e Orquestra Odeon em 1938.

Geraldo Pereira

Geraldo Theodoro Pereira nasceu em 23 de abril de 1918 em Juiz de Fora, MG, e faleceu em 8 de abril de 1955 no Rio de Janeiro, RJ. Em 1930, aos 12 anos, foi morar com o irmão mais velho no Rio de Janeiro. Durante o curso primário conheceu Buci Moreira, Padeirinho e Fernando Pimenta, que se tornariam grandes sambistas. Pouco tempo depois, já frequentava rodas de samba no Morro da Mangueira. Aprendeu a tocar violão com Aluísio Dias e Cartola. Cantor e compositor, começou seus primeiros trabalhos na música em 1938, aos 20 anos, inspirando-se no movimento “samba do telecoteco”. Já em 1939 teve sua primeira composição gravada, na Odeon. Morreu aos 37 anos de hemorragia intestinal, em decorrência de uma briga com “Madame Satã”. Seus mais de 15 anos de carreira como compositor estão aqui representados com dois sambas:

“Escurinha”, gravado em 1952 e composto em parceria com Arnaldo Passos, e “Escurinho”, gravado em 1955, três meses antes de sua morte.

Milton Nascimento

Milton Nascimento nasceu em 26 de outubro de 1942, no Rio de Janeiro, RJ, mas mudou-se para Três Pontas, MG, com apenas um ano e meio de idade, e lá foi criado. Aos quatro anos ganhou de presente seu primeiro instrumento musical: uma sanfonia. Sua primeira professora de piano foi a mãe de Wagner Tiso, que conheceu quando trabalhava em um conjunto de baile, em 1955. Compositor, instrumentista e cantor, teve sua primeira canção gravada quando integrava, como *crooner*⁴, o conjunto W’s Boys, do qual também fazia parte Wagner Tiso. Em 1963 mudou-se para Belo Horizonte para fazer faculdade de Economia e, na capital mineira, conheceu Fernando Brant, que se tornaria seu maior parceiro de composição. Neste trabalho trazemos uma canção fruto dessa parceria que atravessou décadas e álbuns. Trata-se de “Raça”, lançada em 1985, em seu LP *Encontros e despedidas*.

⁴ “Cantor ou cantora de música popular que canta com orquestra ou conjunto instrumental”. (HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.*)

João Bosco

João Bosco de Freitas Mucci nasceu em 13 de julho de 1946 em Ponte Nova, MG. Cantor, compositor e violonista, cresceu em um ambiente musical e, aos 12 anos, passou a integrar o conjunto de *rock X-Gare*. Em 1961, passou a interessar-se pela bossa nova, pelo samba e pelo jazz. Em 1970, durante viagem de férias pelo Rio de Janeiro, conheceu Aldir Blanc, com quem viria a formar uma sólida parceria, que renderia várias músicas. Em 1973, gravou seu primeiro LP, *João Bosco*, com diversas canções resultantes de sua parceria com Aldir Blanc. De seu repertório elencamos: "O mestre sala dos mares", gravada em 1974 por Elis Regina e no ano seguinte pelo compositor, e "Nação", gravada em 1982 em seu LP *Comissão de frente*, ambas compostas em parceria com Aldir Blanc, além de "Odilê, odilá", composta em parceria com o carioca Martinho da Vila e lançada em 1986 no álbum *Cabeça de nego*.

Fernando Brant

Fernando Rocha Brant nasceu em 9 de outubro de 1946 em Caldas, Minas Gerais. Compositor mineiro que na década de 1960 tornou-se parceiro de Milton Nascimento. Tido como o principal letrista do cantor/compositor, com ele compôs, até a década de 1990, mais de duzentas músicas. Seu trabalho aqui pode ser conferido em "Raça", escrita em parceria com

Milton Nascimento e lançada em 1985 no álbum *Encontros e despedidas*, desse cantor.

Sérgio Santos

Sérgio Correia dos Santos nasceu em 24 de novembro de 1956 em Varginha, MG. É cantor, instrumentista e compositor. Em 1983 participou do espetáculo *Missa dos quilombos*, de Milton Nascimento e, no ano seguinte, da gravação do LP que recebeu o mesmo nome. Em 1991 conheceu Paulo César Pinheiro, que viria a se tornar um grande parceiro de composição do músico mineiro. Embora já atuasse como músico no princípio da década de 1980, somente em 1995 lançou o seu primeiro CD, *Aboio*, dedicado a temas e ritmos mineiros. Neste trabalho já se pode conferir a expressividade de sua parceria com Paulo César Pinheiro: todas as faixas são resultado do trabalho conjunto dos dois. Vários intérpretes gravaram e cantaram suas canções. Sua voz é considerada uma das mais belas entre os cantores mineiros. De sua obra estão reunidas aqui as canções “Áfrico”, em parceria com Paulo César Pinheiro, e “Nossa cor”, ambas gravadas em 2002 em seu álbum *Áfrico*, “centrado no tema

e nos ritmos africanos, destacando a influência negra na cultura e na música brasileira.”⁵

Vander Lee

Vanderli Catarina nasceu em 3 de março de 1966 em Belo Horizonte, MG e faleceu em 8 de agosto de 2016. Compositor e cantor, foi criado na periferia de Belo Horizonte e cresceu em contato com músicos: seu pai, violonista, e sua irmã, compositora e cantora. Iniciou sua carreira cantando em festivais da capital mineira e do interior. Em 1987, integrando a banda Morro Velho, chegou a gravar um compacto duplo que, entretanto, não foi lançado. Seu primeiro álbum solo, *Vanderly*, sairia apenas dez anos mais tarde, contendo várias músicas de sua autoria. Nesse meio tempo, teve algumas de suas composições interpretadas por outros artistas ou incluídas em coletâneas. Entre um CD autoral e outro, continuou participando de coletâneas e escrevendo para outros artistas. Várias de suas músicas foram gravadas pela banda Alarme Falso. Ajudando a compor esta publicação encontra-se a sua canção “A baiana cover”, lançada em 1999 em seu álbum *No balanço do balaio*.

⁵ ÁFRICO CD.

Cronologia

1936 – Composição de “No tabuleiro da baiana” por Ary Barroso; gravação da faixa por Carmem Miranda, Luís Barbosa e o Conjunto Reginal de Lupercer Miranda.

1938 – Gravação de “Boneca de piche”, de Ary Barroso, por Carmem Miranda, Almirante e Orquestra Odeon.

1952 – Gravação de “Escurinha”, composta por Geraldo Pereira e Arnaldo Passos.

1955 – Gravação de “Escurinho”, composta por Geraldo Pereira.

1974 – Gravação de “O mestre sala dos mares”, de João Bosco e Aldir Blanc, por Elis Regina.

1975 – Gravação de “O mestre sala dos mares”, de João Bosco e Aldir Blanc, por João Bosco.

1982 – Gravação de “Nação”, composta por João Bosco e Aldir Blanc, no LP *Comissão de frente*, de João Bosco.

1985 – Lançamento da canção “Raça”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, no álbum *Encontros*

1986 – Lançamento da canção “Odilé, Odilá”, de João Bosco e Martinho da Vila, no álbum *Cabeça de nego*, de João Bosco.

1999 – Lançamento da canção “A baiana cover”, de Vander Lee, em seu álbum *No balanço do balaio*.

2002 – Lançamento das canções compostas por Sérgio Santos, “Áfrico” (em parceria com Paulo César Pinheiro) e “Nossa cor”, em seu álbum *Áfrico*.

No tabuleiro da baiana

Composição de Ary Barroso

No tabuleiro da baiana tem
Vatapá, caruru, mungunzá, tem umbú
Pra Ioiô

Se eu pedir você me dá
O seu coração, seu amor
De Iaíá?

No coração da baiana também tem
Sedução, canjerê, candomblé, ilusão
Pra você

Juro por Deus, pelo Senhor do Bonfim
Quero você baianinha inteirinha pra mim
Mas depois, o que será de nós dois?
Seu amor é tão cruel, enganador

Tudo já fiz, fui até num canjerê
Pra ser feliz, meus trapinhos juntar com você
Mas depois, vai ser mais uma ilusão
No amor quem governa é o coração

Boneca de piche

Composição de Ary Barroso e Luiz Iglesias

Venho danado com meus calo quente
Quase enforcado no meu colarinho
Venho empurrando quase toda a gente, Eh! Eh!
Pra ver meu benzinho. Eh! Eh! Pra ver meu benzinho

Nego tu veio quase num arranco
Cheio de dedo dentro dessas luva
Bem que o ditado diz: nego de branco (Eh! Eh!)
É sinar de chuva. Eh! Eh! É sinar de chuva

Da cor do azeviche, da jabuticaba
Boneca de piche, é tu que me acaba
Sou preto e meu gosto, ninguém me contesta,
Mas há muito branco com pinta na testa

Tem português assim nas minhas água
Que culpa eu tenho de ser boa mulata
Nego, se tu borreça minhas mágoa (Eh! Eh!)
Eu te dou a lata. Eh! Eh! Eu te dou lata

Não me farseia, ó muié canaia,
Se tu me engana vai haver banzé
Eu te sapeco dois rabo-de-arraia, muié (Eh!, Eh!)
E te piso o pé. Eh! Eh! E te piso o pé

Da cor do azeviche, da jabuticaba
Boneca de piche, sou eu que te acaba
Tu é preto e teu gosto ninguém te contesta
Mas há muito branco com pinta na testa
Sou preto e meu gosto ninguém me contesta
Mas há muito branco com pinta na testa

Escurinha

Composição de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos

Escurinha,
Tu tens que ser minha
De qualquer maneira
Te dou meu boteco, te dou meu barraco
Que eu tenho no Morro de Mangueira
Comigo não há embaraço
Vem que eu te faço meu amor
A rainha da escola de samba
Que o teu nego é diretor
Quatro paredes de barro, telhado de zinco
Assoalho no chão, só tu escurinha
É quem está faltando no meu barracão
Deixa disso, bobinha, só nessa vidinha levando a pior
Lá no morro eu te ponho no samba
Te ensino a ser bamba, te faço a maior
Escurinha, vem cá!

Escurinho

Composição de Geraldo Pereira

O escurinho era um escuro direitinho
Que agora tá com essa mania de brigão
Parece praga de madrinha ou macumba
De alguma escurinha que lhe fez ingratidão
Saiu de cana ainda não faz uma semana
Já a mulher do Zé Pretinho carregou
Botou embaixo o tabuleiro da baiana
Porque pediu fiado e ela não fiou
já foi no Morro da Formiga procurar intriga
já foi no Morro do Macaco e lá bateu num bamba
já foi no Morro dos Cabritos provocar conflitos
já no foi no Morro do Pinto pra acabar com o samba

O mestre sala dos mares

Composição de João Bosco e Aldir Blanc

Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como o navegante negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao acenar pelo mar na alegria das regatas
Foi saudado no porto pelas mocinhas francesas,
Jovens polacas e por batalhões de mulatas
Rubras cascatas
Jorravam das costas dos santos entre cantos e chibatatas
Inundando o coração do pessoal do porão
Que a exemplo do feiticeiro gritava então:

Glória aos piratas
Às mulatas
Às sereias
Glória à farofa
À cachaça

Às baleias
Glória a todas as lutas inglórias
Que através da nossa história não esquecemos jamais
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais
Mas salve
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais
Mas faz muito tempo

Nação

Composição de João Bosco e Aldir Blanc

Dorival Caymmi falou para Oxum:
com Silas tô em boa companhia.
O Céu abraça a Terra,
deságua o Rio na Bahia.

Jeje
minha sede é dos rios
a minha cor é o arco-íris
minha fome é tanta
planta florimã da bandeira
a minha sina é verde-amarela
feito a bananeira.

Ouro cobre o espelho esmeralda
no berço esplêndido,
a floresta em calda,
manjedoura d'alma
labarágua, sete queda em chama,
cobra de ferro, Oxum-Maré:
homem e mulher na cama.

Jeje
tuas asas de pomba
presas nas costas
com mel e dendê
aguentam por um fio.

Sofrem
o bafio da fera,
o bombardeiro de caramuru,
a sanha de Anhanguera.

Jeje
tua boca do lixo
escarra o sangue
de outra hemoptise
no canal do mangue.

O uirapuru das cinzas chama:
rebenta a louca, Oxum-Maré
dança em teu mar de lama.

Raça

Composição de Milton Nascimento e Fernando Brant

Lá vem a força, lá vem a magia, que me incendeia o corpo de alegria.
Lá vem a santa, maldita euforia, que me alucina, me joga e me rodopia.
Lá vem o canto, o berro da fera, lá vem a voz de qualquer primavera.
Lá vem a unha rasgando a garganta, a fome, a fúria, o sangue que já se levanta.

De onde vem essa coisa tão minha, que me aquece e me faz carinho?
De onde vem essa coisa tão crua, que me acorda e me põe no meio da rua?

É um lamento, um canto mais puro que me ilumina a casa escura.
É minha força, é nossa energia que vem de longe pra nos fazer companhia.

É Clementina cantando bonito as aventuras do seu povo aflito.
É Seu Francisco, boné e cachimbo, me ensinando que a luta é mesmo comigo.

Todas Marias, Maria Dominga, atraca Vilma e Tia Hercília.
É Monsueto e é Grande Otelo. Atraca, atraca, que o Naná vem chegando.

Odilê, Odilá

Composição de João Bosco e Martinho da Vila

Odilê, odilá
O que vem fazer aqui meu irmão?
Vim sambar
Ô di lê, ô di lá
Que vem fazer aqui meu irmão?
Vim sambar, obá
Entra na corrente
Corpo, mente
Coração, pulmão
Pra junto com a gente viajar
Na energia-som
Que veio de longe, atravessou raio e trovão
Pra cair no samba e receber a vibração
Odilê, odilá...
Com a negra da do Harlem Jesus Cristo
Também vem
E pra sair do transe, só com sino de Belém
Que faz romaria e procissão, samba também
E quem tá comigo, tá com o povo do além

Odilê, odilá...
Quem samba, se sobe tem combá, tem furufim
Teve um olho d'água
E um sorriso de marfim
Se volta beijada é pigmeu ou curumim
Vira um preto velho pra sambar com a gente assim
Odilê, odilá...
Preta velha bate pé, bate colhe, levanta pó
Dá marafo pro Odilê e solta logo seu gogó
Odilá de madrugada nem sem viola tá só
Pois tá com axé da velha nega preta sua vó
Odilê, odilá...

A baiana cover

Composição de Vander Lee

Você conhece Dorinha, cantora de samba do bar de João?
Pois é, andaram dizendo: ela mudou de vida, está no “bem-bom”
Ela de noite sonhava, embalando casais
Em canções sensuais, a girar no salão
Quando era dia pensava, como simples mortal
Entre a roupa e o varal, entre o rodo e o sabão

Todo final de semana
Voltava pra casa, tomando o buzum das quatro da manhã
Com cinquentinha no bolso, uma cantada barata e o telefone de
um fã
E as sete em ponto, já estava de pé
Com cafezinho pronto, acordando o mané
Numa ressaca danada, e a nega revoltada
Rezava para um dia sair daquela maré
Pois é!

Um cara de Salvador, produtor de novela
Foi quem disse pra ela:
"Larga de ser clone, *cover* de Alcione, que tu vai ser agora
É cantora de axé"
A nega fez um regime, parou de fumar
Mudou até de time, mandou o bofe pastar
Colocou trancinha africana, com sotaque de baiana
Inventou uma dancinha e virou *pop star*.

Áfrico

Composição de Sérgio Santos e Paulo Cesar Pinheiro

Quem foi que fez brasileiro bater
Tambor de jongo?
De onde é que sai quem batuca com o pé
Terno-de-Congo?
Quem é, me ensina quem foi
Que fez o povo dançar
Tambor-de-Mina, Bumba-meu-boi,
Boi-bumbá,
O bambaquê,
O samba, o ijexá?
Quando o Brasil resolveu cantar?

Quem foi que pôs o lamento na voz
Da lavadeira?
Quem fez aqui baticum, candomblé
E a capoeira?
Quem trouxe o maracatu?
Quem fez o maculelê,
Mineiro-pau, coco, caxambu,

Bangulê,
A xiba, o lundu,
O cateretê?
Quando o Brasil resolveu cantar?

Me diz quem foi que fez
A dor se transformar
Em som de carnaval,
Em batucada,
Em melodia?
Que força fez mudar
Toda tristeza
Em alegria?
Quando o Brasil resolveu cantar?

Nossa cor

Composição de Sérgio Santos

Clementina, mãe Kelé, canta o seu canto nagô.
Do Rosário dos Pretos bate o tambor, afoxé.
Donga pelo telefone manda um samba em Guiné.
Muita bola já rolou,
Mas rei mesmo só Pelé
Essa terra só vingou
Depois que o negro por aqui pôs seu pé.

Grande Otelo, a voz por quem Macunaíma falou,
E quem canta pelo mulato Caymmi é Xangô.
Pixinguinha no 1x0 faz o drible igual Mané.
Mexe que Naná chegou
Vem Marçal dizer qual é,
Delegado quer no pandeiro Suzano
E na batuta Mestre André.

Ô, por aqui quem se criou
Misturou-se um a um.
Não haja alma branca ou luto negro,

Seja pra todos ou pra nenhum.
Por Obatalá, Orixalá nos quer
Como nos fez Olorum,
Esse é meu Brasil de fé.

Pobre do Brasil sem tudo isso que o negro animou
Da Bahia o que seria sem o ilê-ayê?
Sem a capoeira o que seria de Salvador?
Uma terra sem sabor,
Sem ter Gil, sem ter dendê,
Liberdade então nem sei,
Sem ter João Cândido, Zumbi, sem Chico-Rei
Sem maracatu, Pernambuco não dá pra entender
Minas sem Bituca, sem congado, sem catopé
Se eu dissesse que no Rio o nosso samba acabou,
Se faltasse o Carnaval,
Choraria o Redentor,
Ele mesmo quem mandou
E Aparecida nos surgiu da nossa cor.